Revista Práxis Pedagógica (RPP) e-ISSN: 1518-9341
DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

Atualidade do Manifesto Comunista e a educação contemporânea

Estado actual del Manifiesto Comunista y la educación contemporánea

Relevance of the Communist Manifesto and contemporary education

Gustavo Boni Minetto[1]
Universidade Estadual de Goiás

João Roberto Resende Ferreira[2]
Universidade Estadual de Goiás

Resumo
Este artigo tem por objetivo situar o *Manifesto do Partido Comunista*, escrito por Karl Marx e Frederich Engels em 1848 como referência no entendimento do real. Trata-se de pesquisa qualitativa e exploratória, baseada na literatura existente sobre o tema e suas correlações. Discutiu-se a atualidade da obra frente às ameaças de ressurgimento do fascismo e nazismo, com governos de ultradireita no Brasil. Os princípios considerados como conservadores, pautados no lema *Deus, Pátria e Família* são ferramenta do capital para intensificar a acumulação através da política neoliberal de incentivo ao individualismo e empreendedorismo. Conclui-se que o *Manifesto* é referência para se compreender a raiz de nossa sociedade atual, com suas contradições e esforços constantes para retroceder a tempos que deveriam ser lembrados apenas nos livros de história.
Palavras-chave: comunista; Engels; manifesto; Marx; neofascismo.

Resumen
Este artículo pretende situar el Manifiesto del Partido Comunista, escrito por Karl Marx y Frederich Engels en 1848, como un referente para la comprensión de la realidad. Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria, basada en la literatura existente sobre el tema y sus correlaciones. La naturaleza actual del trabajo fue discutida a la luz de las amenazas de resurgimiento del fascismo y el nazismo, con gobiernos de ultraderecha en Brasil. Los principios considerados conservadores, basados en el lema Dios, Patria y Familia, son una herramienta del capital para intensificar la acumulación a través de la política neoliberal de fomento del individualismo y el espíritu empresarial. Se concluye que el Manifiesto es un referente para comprender las raíces de nuestra sociedad actual, con sus contradicciones y constantes esfuerzos por retroceder a épocas que sólo deberían ser recordadas en los libros de historia.
Palabras clave*: comunista; Engels; manifiesto; Marx; neofascismo.*

Abstract
This article aims to situate the Communist Manifesto, written by Karl Marx and Friedrich Engels in 1848, as a reference for understanding reality. It is a qualitative and exploratory research, based on the existing literature on the subject and its correlations. The relevance of the work was discussed in light of the threats of a resurgence of fascism and Nazism, with

[1] Mestrando do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT/UEG) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). *E-mail:* gbminetto@yahoo.com.brcom - ORCID: https://orcid.org/0009-0003-1455-7336.
[2] Doutor e Professor da Universidade Estadual de Goiás - UEG. Docente pesquisador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT/UEG) e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências (PPEC/UEG). *E-mail:* joao.ferreira@ueg.brcom - ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6160-6944.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

far-right governments in Brazil. Principles considered conservative, guided by the motto God, Homeland, and Family, are tools of capital to intensify accumulation through neoliberal policies that promote individualism and entrepreneurship. It is concluded that the Manifesto serves as a reference for understanding the roots of our current society, with its contradictions and constant efforts to regress to times that should only be remembered in history books.
Keywords: *communist; Engels; manifest; Marx; neofascism.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo situar o Manifesto do Partido Comunista, escrito por Karl Marx e Frederich Engels em 1848; portanto, há mais de 175 anos, como referência no entendimento do real. A relevância e atualidade em suas análises sobre a burguesia e a sociedade está em direcionar a análise para o campo da educação, o qual possui estreita relação como o movimento histórico pregresso que nos leva até o momento atual.

O Manifesto do Partido Comunista, aqui também chamado de *Manifesto*, muito mais do que um material de propaganda político-partidária, é um grande tratado sobre a economia e a sociedade capitalista, cuja posse dos meios de produção se encontra nas mãos da burguesia. Martín Hernandez, que escreveu a apresentação da edição ora consultada, chama Karl Marx e Friederich Engels, de "[...] gênios ao descobrir justamente o caminho que a humanidade teria de percorrer, da sociedade capitalista até a sociedade comunista" (Marx; Engels, 2017, p. 9). Compreender o *Manifesto* em sua grandeza torna-se fundamental para compreender os tempos atuais e todos os fatos sociais e econômicos que nos ocorreram desde o surgimento da burguesia, com a queda do sistema feudal.

O retorno do fenômeno dos governos de ultradireita em diversos cantos do planeta, e em particular no Brasil, que se acreditava superado após os horrores vivenciados na Itália de Mussolini pelo fascismo e na Alemanha de Hitler, alerta-nos que em se tratando de história não podemos considerar um assunto como superado. Os regimes de ultradireita fundamentam-se num discurso de grande alinhamento aos princípios norteadores da burguesia? Se as análises de Marx e Engels (2017) têm relação com o que vivenciamos hoje, é correto afirmar que há afinidade entre burguesia e capitalismo com o retorno da ultradireita no Brasil.

Marx e Engels (2017), ao se utilizar do Materialismo Histórico-Dialético, analisaram com riqueza de detalhes não somente a economia e relações de trabalho

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

de sua época, como também as relações sociais e familiares decorrentes destas relações. Este trabalho busca identificar o quanto as análises e proposições inferidas pelos autores ainda estão atuais e nos ajudam a compreender o estágio atual do capitalismo, identificado como neoliberalismo.

Nesse sentido, este trabalho busca contribuir com reflexões sobre a atuação cada vez mais articulada da burguesia, considerando que essa articulação se reflete inevitavelmente na educação. Por sua vez, a educação, ao atuar na formação da futura massa trabalhadora, traz sua contribuição para a perpetuação do *status quo* e intensificação das discrepâncias existentes nas relações de poder modernas.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica, com as contribuições realizadas por seus autores. Utilizamos a edição publicada em 2017 pela Editora Sundermann, que contêm apresentação de Martin Hernandez, escrito em 2016 e posfácio escrito por Leon Trotsky na ocasião da comemoração aos noventa anos de lançamento do Manifesto Comunista. A apresentação e o posfácio serão utilizados nesta obra como subsídios à sustentação da argumentação.

Para entender a sociedade burguesa faz-se mister iniciar por ela, e não voltar ao passado. A história é elucidativa do presente (Souza, 2021). Este trabalho é também uma busca na aproximação ao Materialismo Histórico-Dialético, apresentado por Marx (2008). Analisaremos alguns fatos e declarações, no sentido de encontrar sua relação com afirmações contidas no Manifesto e sua aplicação ao nosso atual momento social e econômico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Preliminarmente, é importante compreender a localização da atual extrema direita brasileira, chamada também de *bolsonarismo*, tendo em referência a Jair Messias Bolsonaro, último presidente de extrema direita eleito no Brasil, como manifestação do neofascismo (Boito Junior, 2020). Ainda que eleito dentro da democracia burguesa, como também o foram Mussolini entre 1922 e 1943 na Itália, e entre 1933 a 1945, Hitler na Alemanha, dando origem ao desenvolvimento dos sistemas nazi fascistas nas Europa. O governo Bolsonaro ocorrido entre 2019 e

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

2022 no Brasil, apresentava características do fascismo, que poderiam posteriormente caminhar para um regime ditatorial, como ocorreu com os ditadores fascistas europeus.

Boito Junior (2020) traça um paralelo entre o gênero fascismo, a espécie fascismo, ocorrida na Itália e Alemanha, e o movimento neofascista, representado pelo governo Bolsonaro, de 2019 a 2022 e seus continuadores, que permanecem no poder, não mais na chefia do Executivo Federal, mas no legislativo e executivos estaduais e municipais por todo o país. Ressaltamos apenas alguns pontos que entendemos importantes a situar o *Manifesto* em contraposição ao atual momento político e social pelo qual passa o país.

Há a participação da pequena burguesia (hoje chamada de classe média) em massa, composta por pequenos comerciantes e proprietários de empresas. Anteriormente, a ameaça era o movimento operário organizado que precisava ser eliminado, pelos fascistas.

Hoje, o reformismo burguês brasileiro, denominado de *progressismo*, ainda que o termo seja amplo é tratado como ameaça aos valores defendidos pela extrema direita. Referem-se ao Partido dos Trabalhadores e sua base de apoio como comunistas. O combate ao comunismo é bandeira comum do antigo fascismo e do neofascismo brasileiro, inclusive. Outras características aproximam o fascismo do neofascismo brasileiro, como culto à violência, politização do machismo, racismo e homofobia (Boito Junior, 2020). Os termos bolsonarismo, ultradireita, fascismo, neofascismo utilizados aqui justificam-se pela análise comparativa realizada por Armando Boito Junior (2020).

Entendemos que os termos do reformismo burguês e os de bolsonarismo, ultradireita, fascismo, neofascismo utilizados aqui, influenciam na determinação da consciência de modo geral. Marx (2008) afirma que não é a consciência que determina seu ser. Ao contrário, é o ser social que determina sua consciência. Nos embates social-político-econômicos observamos por vezes discussões meramente pessoais, personificados unicamente em torno de pessoas e não em projetos de sociedade e civilizatório.

No Brasil atual, fala-se muito em Jair Bolsonaro ou *bolsonarismo*, ao nos referirmos ao recrudescimento do campo da extrema direita. Valendo-nos da afirmação supracitada de Marx, somos levados a compreender que Hitler, Bolsonaro

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

ou qualquer outro líder extremista foi apenas um nome, que poderia ser facilmente substituído por outro. Ainda que sejam citados alguns nomes e declarações, o que importa é o que cada declaração busca transmitir, independente de quem seja o emissor. Naturalmente, citaremos aqui diversas afirmações de Jair Messias Bolsonaro, apenas por ter sido ele o representante máximo do último governo de ultradireita no Brasil.

Marx (2008) afirma também que não se deve julgar o indivíduo pela ideia que faz de si mesmo, da mesma maneira que não se julga uma época pela consciência que tem de si mesma. Analisar um momento histórico em que estamos inseridos é tarefa que requer atenção metodológica para que se possa ponderar o que acontece, sem a contaminação que prejudicaria a visão adequada do atual contexto.

As poucas críticas que se pode fazer à obra, como as que Trotsky (2017) realiza no posfácio referem-se a momentos em que Marx e Engels buscam prever os próximos movimentos do capitalismo e da burguesia, o que se torna uma tarefa ingrata, uma vez que a revolucionária metodologia de pesquisa trazida por Marx (2013) torna clara a compreensão quanto às ocorrências históricas que nos trazem até o presente momento, falhando nas previsões de fatos futuros.

Concentrar-nos-emos aqui às análises de Marx e Engels (2017) e não em suas previsões sobre os próximos passos. Dessa maneira, fortalecemos o próprio método preconizado por Marx para a compreensão da realidade.

Marx e Engels (2017) mostram que toda alteração na estrutura econômica de uma sociedade é acompanhada de transformações políticas importantes. Logo, o contexto político do momento é reflexo das forças hegemônicas na sociedade. Vão além: afirmam que o Estado objetiva atender aos interesses da classe burguesa. Ressalta-se aqui que os autores do *Manifesto* não fazem distinção entre Estado governado por dirigentes de direita ou esquerda. Trata-se de uma ocorrência do estado capitalista, sob os auspícios da dominação burguesa.

Um dos lemas fortemente utilizados pelo governo de Jair Messias Bolsonaro no Brasil (2019-2022) era “Deus, Pátria e Família”. O termo, porém, não é novo. De Almeida (2020) resgata a informação histórica quanto ao surgimento em 1932 do Partido Integralista Brasileiro, cujo lema era exatamente o supracitado. Este partido era inspirado nas ideias e práticas fascistas que se desenrolaram no continente

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

europeu pós 1ª Guerra Mundial, inclusive com gestual e discurso que se aproximavam daqueles utilizados pelos fascistas.

O fascismo apresenta discurso anticomunista e antimarxista e está alinhado à formação ideológica do capitalismo, que privilegia segmentos da sociedade em detrimento da coletividade (De Almeida, 2020). Apesar de não terem vivenciado o fascismo, Marx e Engels são fortemente atacados pela ultradireita. Ainda que tenham aparecido em momentos históricos distintos, fascismo e capitalismo caminham juntos buscando privilegiar uma classe em detrimento ao coletivo. Para que existam os privilegiados, é fundamental que existam os desprestigiados.

Dentro do lema “Deus, Pátria e Família”, passemos a analisar cada item da afirmação, iniciando por *Deus*. De Almeida (2020) afirma que o Brasil tem a religiosidade em sua raiz, uma vez que um dos primeiros atos realizados pelos portugueses foi a primeira missa. Na ausência de uma liderança totalitária como Hitler ou Mussolini, o Brasil concentrou-se na figura de *Deus*, de quem emanou a inspiração para defender os ideais supostamente cristãos.

Após grande predominância do catolicismo e posterior crescimento do protestantismo, tornou-se ainda mais aceitável invocar o nome de Deus para se conquistar o apoio popular. Associar a ideia de que sem Deus os valores conservadores seriam distorcidos faz o discurso do fascismo moderno tomar maior força.

Marx e Engels (2017) dizem não ser possível levar a sério as acusações de que suas ideias objetivam o fim da religião. O comunismo é acusado de intentar contra todas as chamadas verdades eternas, contra a moralidade. A causa dessas acusações é que todas as sociedades (a maioria, na verdade) se constituíram sobre os antagonismos de classe. Como a religião também se apoia em relações de poder, uma vez cessados esses antagonismos, a religião certamente perderá espaço no cotidiano da massa trabalhadora. A religião ocupa espaços não preenchidos pelo estado. Historicamente, a religião também foi se reinventando quando estava prestes a sumir. Assim foi com o surgimento do cristianismo, com o catolicismo, posteriormente com o protestantismo de Lutero e mais recentemente com o neopentecostalismo, que reascendeu o papel exercido na vida social e familiar.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

Os movimentos que acontecem em sociedade, refletem-se na educação. Assim também é quando se trata da presença da religião na política. Em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Escola sem partido: relações entre estado, educação e religião e os impactos no ensino de história*, Moura (2016) afirma que "é possível apontar uma tendência por parte do poder público de naturalizar o processo de adesão individual a uma determinada religião ou mesmo a um Deus monoteísta nos moldes judaico-cristãos" (Moura, 2016, p. 77).

Moura (2016) questiona a afirmação de que a religião apenas ocupa espaços deixados pelo Estado. A autora afirma que é possível que o ensino religioso fosse introduzido mesmo em lugares onde há uma estrutura adequada. Entendemos que a afirmação pode de fato proceder, uma vez que temos a experiência pessoal de ter visto numa escola particular não confessional de uma grande cidade do interior do estado de Goiás contar com enxertos da religião católica em datas comemorativas como a Páscoa ou mesmo com a entrega de panfletos divulgando atividade de catequese numa igreja da cidade.

Levar a religião para o ambiente escolar descarta a laicidade do estado e da escola não confessional, abrindo campo para embates religiosos e ampliação da intolerância, uma vez que não se comprovou ainda ser possível um ensino religioso *neutro*, ou seja, sem privilegiar qualquer religião, sobretudo num país tão diverso como o Brasil.

Outro pilar da ultradireita brasileira é a pátria, com defesas exacerbadas do país, ao ponto de iniciar a partir de 2013, durante as jornadas de junho, uma onda de protestos e manifestações realizados por pessoas vestidas com a camisa da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), em suposta defesa dos ideais da pátria. Curiosamente, este mesmo grupo apresenta fascinação pela cultura e valores estrangeiros, com prestação inclusive de continência à bandeira estadunidense.

De Almeida (2020) apresenta o conceito de que a defesa da pátria é uma maneira de se contrapor à ideia de que vivemos uma sociedade de classes, trazendo o conceito de unidade nacional. Deslegitimar o conceito de sociedade de classes torna-se extremamente conveniente à burguesia, pois faz com que a classe trabalhadora não se tome consciência de sua posição na escala de poder e não vá em busca da tomada do poder, que dentro dessa lógica, é dividido igualitariamente entre todos, dentro da democracia.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

Berringuer *et al* (2021, p. 149) nomeiam esta política externa de "Nacionalismo às avessas", um nacionalismo que não defende na integralidade as indústrias e o país, porém trata-se de clara sujeição ao governo estadunidense, como havia acontecido desde o período do governo militar, e que é fortemente retomado no governo Bolsonaro, inclusive com a nomeação de um chanceler, Ernesto Araújo, que claramente é apoiador de Donald Trump e seus ideais. Reproduzimos abaixo o último parágrafo do capítulo ora consultado, demonstrando sinteticamente o suposto ideal patriótico brasileiro:

> Estamos considerando "o nacionalismo às avessas" tendo como base a ideologia e o projeto nacional desenvolvimentista ou o anti-imperialismo. Assim, ao carecer de base popular, não incorporar diversos elementos constitutivos da identidade brasileira (especialmente a questão racial) e adotar a posição de subordinação passiva explícita em relação aos Estados Unidos, a narrativa pan-nacionalista, pró-ocidental, cristã-conservadora-xenófoba se mostra contrária à ideologia nacional-desenvolvimentista e a um projeto soberano, popular e democrático. Trata-se de um nacionalismo neofascista, que exclui as classes populares, os negros, as feministas, a população LGBT, e os indígenas, como defende Boito. Articula-se a isso, a plataforma neoliberal como a adesão à OCDE e o acordo Mercosul-UE que apontam para a destruição da indústria local e a privatização das empresas estatais, somada à perda de controle sobre os recursos naturais estratégicos, especialmente o petróleo. Além do acordo de salvaguardas tecnológicas de Alcântara que não apenas cede território aos EUA como aceita as restrições e impedimentos ao desenvolvimento científico e tecnológico do país. Portanto, o avesso do avesso do avesso (Berringuer *et al*, 2021, p. 149).

Fica clarificada a ausência de um projeto genuinamente nacionalista. Há aproximação de interesses, baseados em ideais que flertam com os ideais fascistas. Mais uma vez, o conceito nacionalista associa-se à religião cristã e seus valores, na ausência de respeito à diversidade e mesmo às liberdades individuais defendidas pela extrema direita.

Porém, aqui, há que se destacar um ponto importante do *Manifesto*. Marx e Engels (2017) defendem a inexistência de nações, pois entendem que na sociedade há apenas duas classes: burguesia e proletariado. Afirmam, porém, que a própria burguesia foi responsável por acabar com as nações, ao internacionalizar os meios de produção, ao explorar o mercado consumidor mundial, internacionalizar o trânsito de matérias-primas e produtos acabados.

Antes, uma nação precisava ser autossuficiente, agora não mais. Assim também o é com as produções intelectuais. As produções não estão mais restritas a

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

uma nação ou a uma língua. São difundidas por todo o mundo. Não há mais uma literatura nacional, há literatura mundial.

Marx e Engels (2017) já haviam percebido este movimento de internacionalização e hoje, com a Internet, não só a produção e literatura tornaram-se internacionalizadas, como também notícias, que se tornam parte do cotidiano. Algo que aconteça em qualquer parte do mundo é sabido globalmente em questão de minutos. Na visão capitalista, tendemos a pensar essa agilidade é avanço, porém é estratégia de obrigar a todas as nações a aderir ao modo burguês de produção, não só industrial, mas também na produção de conhecimento. Cinema, redes sociais, revistas que não aderem aos interesses da burguesia estão fadadas ao desaparecimento, à extinção, como relatam os autores do *Manifesto*.

No campo educacional, como não há escolas marxistas as quais ofereceriam a educação omnilateral, possível apenas no comunismo, a formação dos alunos é apenas para perpetuação da exploração do proletariado e desenvolver competências para serem mais eficazes na produção de riquezas para a burguesia. A escola tornou-se local de reprodução da hegemonia da classe dominante. Há burocracia, violência (física e emocional), transformação da práxis em trabalho alienado e da socialidade em exploração e dominação de classes, repetindo a sociedade de classes existente fora dos muros da escola (Viana, 2020).

Uma vez que a escola não ensina a criticar a sociedade de classes, naturalmente também não há críticas à repartição das classes em nações. Ao contrário, tem retornado após o governo militar, os conceitos de patriotismo e civilidade, ainda que não haja mais na legislação educacional brasileira disciplinas como educação moral e cívica. Proliferam em todo o território escolas cívico-militares que trazem aos pais a ilusão de disciplina, ordem e civilidade. Como há carência de condições adequadas em boa parte das escolas públicas brasileiras, oferecer aos pais a perspectiva de uma escola disciplinada, ainda que essa suposta disciplina seja forjada no medo, torna-se atrativo.

Ao falar de família, a ultradireita brasileira, defensora voraz do capitalismo e de todos os supostos valores que o acompanham, acusa o comunismo de ser destruidor da família, ou melhor ainda, do que convencionou denominar *família tradicional brasileira*, dentro do padrão heteronormativo, fundado na dominação paterna. Além de Deus, somente a família seria capaz de extirpar a decrepitude dos

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

valores morais da sociedade. Decrepitude esta materializada nos grandes espantalhos cultivados pelo neofascismo brasileiro: feminismo, homossexualidade, diversidade étnica.

O termo *ideologia de gênero* banalizou-se, desvirtuando o conceito de gênero, difundido a partir de 1970, para indicar a diferença entre o aspecto morfológico do ser humano e papeis sociais atribuídos ao homem e à mulher. Ação semelhante acontece com o feminismo, que seria a perda da dignidade e características específicas da mulher, contrariando o dom concedido por Deus à mulher: a procriação. Segundo a ideologia conservadora, a derrocada moral ocasionada pelo crescimento do feminismo e da homossexualidade seriam o prelúdio da implantação do comunismo (Miguel, 2021).

Marx e Engels (2017) haviam asseverado que a destruição da família foi (mais uma vez) ação da burguesia, que reduziu as relações familiares a mera relação monetária. A família baseia-se no capital, no ganho privado. O surgimento da indústria (na Revolução Industrial) e de todas as empresas que hoje existem acabou com a família. Se no regime feudal havia reunião família em torno dos pequenos negócios, hoje passa-se grande parte do dia no local de trabalho ou deslocando-se até ele. Há pouco ou nenhum tempo disponível para que o trabalhador passe com sua família.

O *Manifesto* (2017) também critica o papel da mulher na sociedade burguesa. Para o burguês, a mulher é mero instrumento de produção e é explorada como qualquer meio de produção. Há a exploração no local de trabalho, quando é preciso que a lei obrigue o empregador a oferecer equiparação salarial entre homens e mulheres. Há exploração no lar quando a mulher precisa, além de uma jornada exaustiva de trabalho, ter outro turno no trabalho doméstico, não remunerado.

Recordando características do neofascismo, trazidas por Boito Junior (2020), característica marcante deste campo de pensamento é também o culto à violência. Na experiência brasileira, vivenciou-se violências em diversas maneiras: quanto ao gênero, sexualidade, etnia e até mesmo violência a pessoas à beira da morte, quando de maneira jocosa eram feitas imitações de pessoas morrendo por falta de ar.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

Neste momento, nos interessa, ao falar de violência, ressaltar o incentivo à aquisição e ao porte de armas pela sociedade. Aqui, entenda-se, sociedade com condições materiais de adquirir armamento, ou seja, a pequena burguesia, materializada no Brasil como classe média, como já citado. Nem todos possuem renda suficiente para comprar de maneira legal uma arma sequer.

Grande plataforma da campanha de Jair Bolsonaro nas eleições de 2017, a facilitação para a aquisição de armas tornou-se realidade de 2018 a 2022. A afirmação “Povo armado jamais será escravizado. Por isso, comprem suas armas (Bolsonaro, 2020)”, serve como claro incentivo à aquisição de armamento por parte da população. A análise superficial das afirmações pró-armas do ex-presidente levaria à interpretação de que a aquisição de armas serviria à preservação do patrimônio e preservação individual da integridade física. Essa interpretação por si só é reflexo do espírito do neoliberalismo, incentivando o esforço individual como motivadora do progresso.

Há, porém, uma outra motivação para o incentivo ao armamento da população, promovido pelos neofascistas. Primeiramente, recordemos o *Manifesto*, ao tratar sobre o processo de revolução comunista:

> Os comunistas se recusam a esconder suas opiniões e objetivos. Eles declaram abertamente que seus fins só podem ser obtidos pela derrubada violenta de todas as relações sociais existentes. Que as classes dominantes tremam diante da ideia de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder exceto as correntes que os prendem. Eles têm um mundo a ganhar. PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS! (Marx; Engels, 2017, p. 55).

Citamos em seguida Alves (*apud* Melo, 2020, p. 39):

> Mais recentemente, a bancada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) na Câmara dos Deputados pediu ao Ministério Público de São Paulo uma investigação sobre a Associação Nacional de Armas, com a suspeita de se tratar de uma organização paramilitar ligada ao governo federal. Isso ocorreu depois que, em resposta a um artigo publicado no Facebook pelo advogado Almir Felitte, contrário à política de liberalização da venda de armas e munições defendida por Bolsonaro, o perfil da Associação Nacional de Armas respondeu: “Nós seremos a força de reação que irá proteger o país, apoiar o presidente e defender o Brasil das garras vermelhas, junto com as Forças Armadas”.

O Manifesto do Partido Comunista deixa claro que a revolução comunista e consequente tomada dos meios de produção não acontecerá de maneira pacífica, sem uso da força, considerando claramente que a burguesia não abrirá mão de seus

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

privilégios facilmente, como de fato ocorreu em países onde houve a revolução do proletariado. Os comunistas fazem questão de não esconder seus propósitos e os neofascistas, sabedores das intenções de seus opositores, fazem questão de armar parcela significativa da população, para que, em havendo intenção de um levante popular do proletariado, haja reação através do armamento já adquirido, principalmente pelos pequenos burgueses, representados hoje pela chamada classe média brasileira.

Com a aquisição de armas em larga escala, a ultradireita ganha ao agradar a indústria armamentista e ganha desestimulando movimentos populares a se organizar, pois terão reação em grande proporção por parte da burguesia e do Estado, que existe, como já lembramos, para atender aos interesses da classe dominante.

Objetivando cercar por todos os lados as possibilidades de reconhecimento e fortalecimento da classe trabalhadora, a direita neofascista tem efetuado fortes incursões na educação. Como sua ação é relativamente restrita nas escolas regulares, sejam públicas ou privadas, a estratégia encontrada é buscar tirar as crianças e adolescentes do ensino regular, para cuidar pessoalmente desse processo dentro de casa.

Grande esforço é dispendido pela nova direita no Brasil para diminuir a escola como política pública fundamental na oxigenação de ideias na sociedade. Uma dessas iniciativas foi a tentativa da implementação oficial do *homeschooling* (ensino realizado em casa).

A ultradireita difunde a ideia de que a escola pública fracassou, pois está presa à burocracia, com currículos atrasados e que nem sempre contemplam as ditas reais necessidades das crianças. É ressaltado como aspecto negativo a ausência de Deus nas aulas ministradas às crianças e adolescentes, ainda que o Estado brasileiro seja constitucionalmente laico, como já discorremos acima. Há o fantasma do feminismo, que como já citado, poderia destruir a moralidade e a liberdade, além do fato que o contato com uma educação diversa torna os filhos questionadores, e ser questionador é tido como algo preocupante, pois retira a autoridade dos pais sobre os filhos (Apple, 2003).

O desejo de pais e educadores ultradireitistas ao optar pelo *homeschooling* é colocar seus filhos dentro de uma redoma, onde possam se preparar e se

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

fortalecer contra as tentações mundanas e para levar a palavra de Deus aos não-eleitos. Trata-se de se desconsiderar o que até então era fundamentado como o saber legítimo, fundado em livros e pesquisas existentes realizadas no ambiente acadêmico, onde a validação pelos pares é passo fundamental para aceitação de qualquer teoria. Visando validar o conceito do *ensino em casa*, há a sistematização do ataque aos professores, considerando-os *preguiçosos*, recebedores de salários elevados demais e descompromissados com a real educação dos estudantes. A solução então seria cada família responsabilizar-se por sua própria educação e formação (Apple, 2003).

Outra iniciativa marcante para a desestabilização do ensino no Brasil foi a implantação do Novo Ensino Médio (2017):

> Inicialmente cabe lembrar que a Reforma do Ensino Médio de 2017 e a elaboração da BNCC ocorreram em meio a um processo político tenso, marcado pelo golpe de 2016. Este contexto definiu quais forças participaram do processo de elaboração e quais não. A Reforma do Ensino Médio ocorreu no contexto do governo Michel Temer. O processo de elaboração da BNCC teve início no governo Dilma Rousseff e passou por momentos distintos, com três versões apresentadas, sendo que a terceira e definitiva sofreu mudanças significativas em relação às versões anteriores. No caso específico da BNCC para o Ensino Médio, ocorreu o cerceamento total do debate, sendo sua redação definida sem a participação de segmentos importantes de pesquisadores e professores interessados no Ensino Médio. (Carvalho; Cavalcanti, 2022, p. 5)

Após um período crítico na política brasileira implementou-se significativa mudança no Ensino Médio, preparatório para o curso superior. Levando em conta a desigualdade social brasileira, a flexibilização de conteúdos e roteiros formativos implementada tem maior potencial para exclusão, ao contrário da suposta inclusão (Carvalho; Cavalcanti, 2022). Na prática, pela falta de professores, a escola pública não oferece itinerários suficientes para que os alunos tenham opções que efetivamente atendam suas necessidades. Mais uma vez, a educação é utilizada como meio de distanciamento, não apenas econômico, mas também formativo entre a classe trabalhadora e a elite.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho é descobrir se a obra *Manifesto do Partido Comunista*, escrita em 1848 possui relevância nos debates sociais e educacionais da atualidade. Observamos que, embora a sociedade tenha passado por inúmeras

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

mudanças, duas Grandes Guerras, inúmeros outros conflitos, libertação de diversas colônias, conquistas de direitos (ainda que insuficientes) de mulheres, negros e homossexuais, o *Manifesto* permanece atualizado. Sem nos considerar ousados, podemos inclusive afirmar que a obra possui caráter atemporal, pois os mecanismos que o capital encontra para se imiscuir na sociedade permanecem os mesmos.

Analisar as características do comunismo e fascismo nos leva a concluir o fascismo atua como braço do capitalismo para sufocar o comunismo, proposto por Marx e Engels. E como contraponto aos ideais comunistas tem chegado a diversas regiões do globo. De fenômeno apenas do capitalismo central, agora atinge também, com intensidade, as bordas do capitalismo em países como o Brasil. Isso porque o capital precisa sempre ampliar seus mercados e consequente abrangência. No início do colonialismo, as colônias serviam para coleta de riquezas e acumulação primitiva do capital. Como hoje tais recursos encontram-se escassos, as antigas colônias agora precisam atender às demandas da burguesia com o consumo e desigualdade de riquezas. Intensificar desigualdades é uma das características marcantes do fascismo e do neofascismo.

Concluímos, desse modo, que o Manifesto do Partido Comunista, acima de um material apenas partidário, é referencial para se compreender a raiz de nossa atual sociedade, com suas contradições e esforços constantes para retroceder a tempos que deveriam ser lembrados por nós apenas em museus. A educação, acompanhada do conhecimento da história, tem o objetivo de não nos permitir cometer os mesmos erros. Finalizamos, recordando as palavras de Theodor W. Adorno, na obra Educação e Emancipação: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (Adorno, 1995, p. 117)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, Chico. PSOL vai a MPF contra associação de tiro que agiria como “milícia política”. ***UOL***, 16 jun. 2020. Disponível em: https://bit.ly/3hLujaF. Acesso em: 07 maio 2024.

APPLE, Michel W. **Educando à Direita**: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdades. São Paulo: Cortez, 2003.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

BERRINGER, Tatiana *et al*. Nacionalismo às avessas. *In:* MARINGONI, Gilberto. (org.). **As bases da política externa bolsonarista**: relações internacionais em um mundo em transformação. Santo André: EdUFABC, 2021. p. 139-150.

BOITO JUNIOR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo? **Crítica Marxista**, v. 50, p. 111-119, 2020. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_12_19.pdf. Acesso em: 6 maio 2024.

BOLSONARO, Jair Messias. Povo armado jamais será escravizado; comprem suas armas, diz Bolsonaro. **UOL,** São Paulo e Brasília, 10 de agosto de 2022. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/08/10/povo-armado-jamais-sera-escravizado-comprem-suas-armas-diz-bolsonaro.htm. Acesso em: 07 maio 2024.

CARVALHO, Celso do Prado F. de; CAVALCANTI, Fabio. O Novo Ensino Médio Paulista: velhas propostas de manutenção da dualidade estrutural e da precarização do ensino. **Educ. Form.**, v. 7, p. e7317, 2022. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/7317. Acesso em: 1 maio 2024.

DE ALMEIDA, João Paulo Martins. “Deus, Pátria e Família”: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, v. 7, n. 2, p. 163-178, 2020. Disponível em: https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3855. Acesso em: 1 maio 2024.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Sundermann, 2017.

MELO, Demian. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. *In:* REBUÁ, Eduardo *et al*. (org.). **(Neo) fascismos e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020, p. 12-46.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 62, p. e216216, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8667136. Acesso em: 28 jun. 2024.

MOURA, Fernanda Pereira de. **“Escola sem partido”**: relações entre estado, educação e religião e os impactos no ensino de história. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Cezar Amario Honorato de. **A educação como ferramenta de valorização do capital**: uma análise a partir de O capital de Marx. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64488. Acesso em: 01 maio 2024.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8318

VIANA, Nildo. Marxismo e Escola. *In*: BODART, Cristian (org.). **Sociologia & Educação**: Debates Necessários. Maceió: Café com Sociologia, 2020.

Este conteúdo está licenciado sob uma Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0